



EM BUSCA DE JESUS DE NAZARÉ, UMA ANÁLISE LITERÁRIA

*Severino Vicente da Silva**

HOORNAERT, Eduardo. *Em busca de Jesus de Nazaré*, uma análise literária.

São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Teologia Sistemática. ISBN 978-85-349-4395-6

Há algum tempo, recebi a incumbência de celebrar o octogésimo aniversário de Eduardo Hoornaert e, hoje, mais uma vez, volto ao meu professor e sua obra, e a tarefa é apresentar o mais recente livro do Professor Eduardo Hoornaert que, além de historiador é também teólogo. A esse respeito recordo uma reunião dos professores do Instituto de Teologia do Recife - ITER, um debate que envolvia a todos que estavam na sala: José Comblin, Nércio Rodrigues, Ernani Pinheiro, Sebastião Armando, Eduardo Hoornaert, Diomar Lopes, Humberto Plumenn, Ivone Gebara, Domingos Corsioni, Giuseppe Stacone e eu. Talvez houvesse outras pessoas que neste momento não chegam à minha memória. Discutia-se se a disciplina História da Igreja devia ser definida como simplesmente como História, e então posta no elenco das Ciências Sociais no quadro curricular do ITER, ou se era uma disciplina a ser colocada no campo da Teologia. Os nomes que polarizavam o debate eram Diomar Lopes e Eduardo Hoornaert. Aquele resguardando a teologia das pequenas luxações da vida dos homens e mulheres, e este refletindo que é na história o lugar onde se vive a

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor Adjunto do Curso de História da UFPE. E-mail: severino.vicente@gmail.com.

teologia, que o estudo de História da Igreja é, sim, parte da teologia devendo ser vista como Teologia Pastoral. Este é um dos temas do em busca de Jesus de Nazaré, uma análise literária.

Os personagens acima citados para alguns podem ser desconhecidos, ouvidos em conversas e ou encontrados em capas de livros, e todos são parte de um dos momentos mais ricos do debate teológico e da renovação do estudo da história da Igreja no Brasil e na América Latina, que começou fora dos espaços acadêmicos, na Comissão de Estudos de História da Igreja na América latina, da qual Eduardo Hoornaert é um dos fundadores. A reunião citada era uma das minhas primeiras reuniões na Congregação dos professores do ITER. Eu estava ali com os meus professores, agora como colega, aprendendo a conversar e entender, quase entendendo, como é que o conhecimento e o esclarecimento dos temas são criados, aperfeiçoados para, finalmente chegar ao público e, depois voltam para o debate e assim começar tudo mais uma vez. Eu assistia como é que se constroem e se aperfeiçoam as veredas do conhecimento. Desde então comecei a aprender que o que sabemos e temos como verdade, vem sendo construído ao longo da vida da humanidade. Se eu entendi bem, é disso que trata esse belo e agradável ensaio Em busca de Jesus de Nazaré, uma análise literária. É um livro que toca na teologia, mas procura entender como os homens viveram e pensaram sobre Jesus naqueles momentos de suas vidas, (e já estamos na história) já não tão iniciais do movimento de Jesus, o movimento dos seguidores de Jesus.

Difícil encontrar este Jesus que viveu em Nazaré bem documentado, com arquivos organizados, nos enchendo de certezas sobre suas ações, gestos e palavras. Temos pouco material para servir de 'fonte' sobre este



quase obscuro nazareno. E foram muitos os nazarenos e cristos criados desde então. Talvez tenha sido mais fácil encontrar o Jesus Cristo que escondeu ou se escondeu no Jesus de Nazaré. É assim, acompanhando os passos mais recentes da pesquisa e da reflexão históricas, que Eduardo Hoornaert nos leva para compreender esse Jesus através da análise literária, da análise das palavras que foram escritas por alguns membros do Movimento de Jesus antes que ele viesse a se tornar Igreja.

Eduardo Hoornaert parece colocar no título deste livro a história de sua vida que, de certa maneira é a história da vida de quase todos que vão ler esse livro. Escrevemos sobre o que nos angustia e ao escrever expomos nossas angústias no escrito que avança e nos surpreende. Nunca sabemos para onde nos levam as palavras. Elas nos revelam a nós mesmos. Mas, ao mesmo tempo, queremos saber quem foi e o que nos disse esse Jesus de Nazaré. Afinal, todos nós fomos apresentados, em nossa infância, primeiramente a Jesus Cristo e, durante muito tempo vivíamos com essa ideia de que sabíamos quem era esse Filho de Deus. Mas, depois de algum tempo, não nos satisfizemos com os alimentos para crianças e fomos procurar um alimento mais sólido para conhecer o que julgávamos já ter conhecido.¹

Cada geração de historiadores desenvolveu seu conhecimento e definiu para si o Homem de Nazaré. Os anos da guerra reiniciada em 1939² trouxeram muitas dúvidas, seja a respeito dos falavam em nome de Jesus³, seja dos que viveram aqueles trágicos momentos que puseram em questionamento a fé no Homem de Nazaré. Todos nós sabemos dos

1 1 Coríntios 13 11-12

2 Tenho em mente a concepção de Eric Hobsbawm de que o conflito de 1939 é uma continuação daquele iniciado em 1914.

3 Foram muitas as dúvidas geradas por conta da postura da Igreja Católica Romana (especialmente do papa Pio XII) e outras denominações cristãs diante do escândalo do Nazismo.



dramas de Dietrich Bonhoeffer⁴ naqueles anos. E também acompanharam os sonhos de Teilhard de Chardin⁵. E vieram a queda dos impérios e as certezas foram se quebrando, mas a busca por conhecer e entender esse Jesus de Nazaré até cresceu por conta dos Documentos achados próximo ao Mar Morto⁶. E foram muitos os que saíram em busca do pobre rabino que ameaçou o Império Romano. Interessante é que para muitos aqueles foram anos de reconstrução e muita calma em meio a tensões entre potências que construía a paz ameaçando destruir tudo.

Nos anos da mudança que foram os sessenta, após a calma que parecia acompanhar o final da Segunda Guerra, houve quem visse Jesus como o hippie anunciando a proximidade do novo milênio com o espírito alegre; naquele mesmo período houve quem o seguiu como revolucionário capaz de iniciar novos tempos arando campos de batalhas pela justiça social, pelo fim da sociedade de classes⁷. Somos sempre levados a ver no passado as questões que vivemos hoje e, em personagens do passado o exemplo a seguir, isso nos ajuda a racionalizar nossas escolhas diante dos problemas que enfrentamos. Mas ainda continuamos a procurar quem foi esse personagem instigante que viveu no alvorecer do Império Romano, da Pax Romana que se estendia sobre a Palestina e não só; aquele era também um momento de crise no Templo, do sacerdócio levítico, crise que se ampliava na Sinagoga espalhada no Império que os romanos criavam e ampliaram nos dois séculos seguintes. Este

4 Dietrich Bonhoeffer (1906- 1945) pastor luterano que se opôs ao regime nazista e morreu em forno de cremação

5 Teilhard de Chardin (1891-1955) Jesuíta, paleontólogo, filósofo e teólogo tentou construir uma visão integradora do homem no universo. Sua principal Obra O Fenômeno Humano.

6 Foram manuscritos encontrados nas Cavernas de Qumran, no final da década de 1940 e na década seguinte, Esses fragmentos trazem informações sobre grupos que viviam ao tempo de Jesus.

7 Podemos nos lembrar aqui do padre Camilo Torre (1929-1966) padre colombiano que assumiu a vida de guerrilheiro armado.



personagem que deixou poucas marcas duras de sua passagem é alguém que perturba e instiga investigações. Alguns se satisfazem com as definições teológicas, dos concílios e reuniões das igrejas, essas reuniões de sábios notáveis que definiram as verdades. Mas essas definições esclarecem e apontam para a realidade de Jesus de Nazaré? Ou elas apontam para o que pode ter sido dito ou escondido? Essas questões sempre acompanharam o professor de grego que começou a estudar História da Igreja.

Enquanto lia *Em busca de Jesus de Nazaré*, uma análise literária vinha à mente o trabalho de Marc Bloch⁸ em descobrir a França feudal procurando seguir os nomes que foram usados ao longo do tempo; as palavras esquecidas carregam as vidas dos que as pronunciaram, revelam os modos de suas vidas, a vida material e a vida dos seus sonhos. Fazer uma análise literária, buscar o que as palavras e expressões escondem e expõem simultaneamente é o que, me parece, se propõe Eduardo neste surpreendente ensaio, pois nos surpreende a maneira como ele coloca toda a erudição acumulada com a simplicidade de professor de província. Por isso é que a lembrança de M Bloch veio acompanhada de outra, a de dia em que fui ao Mercado São José⁹ para sentir os cheiros, ver as cores, ouvir os sons, tocar nos objetos, perguntar e ouvir respostas. Cumpria eu uma tarefa escolar indicada por Eduardo Hoornaert na disciplina História da Igreja no Brasil. Ele nos enviava para conhecer o Brasil, nos enviava ao Brasil que nos passa despercebido por ser tão cotidiano¹⁰. Vez por outra saio com alunos para repetir essa aula e extrair informações de

8 A Sociedade Feudal. Edições 70

9 Mercado Público recifense, criado no século XIX, onde podem ser encontrada a grande diversidade de artesanato da região, além dos mais diferentes alimentos e temperos típicos, usados pela população.

10 Ver a obra de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano*.



como anda o povo, o que ele pensa, como se arranja para sobreviver e, depois de experimentar esse passeio cultural, voltar para ler o que se escreveu dele. Da mesma maneira Eduardo me leva aos mercados romanos, às casas dos que são parte do Movimento de Jesus, e nos leva para suas reuniões; Eduardo nos faz procurar entender porque se escrevia sobre Jesus, quais as razões de manter a lembrança de certas palavras, certos atos que expõem a pessoa de Jesus de Nazaré.

Buscar saber quem é Jesus tem sido tarefa de muitos, como Eduardo nos lembra na introdução, nos pondo diante do status quaestionis, lembrando que em seu ensaio considera o máximo possível do que vem sendo pesquisado, escrito e publicado sobre esse personagem que parece ter sido um dos vetores de sua vida, uma de suas paixões intelectuais, talvez a mais profunda de sua paixão. A introdução de *Em busca de Jesus de Nazaré*, uma análise literária nos indica leituras a serem feitas e caminhos apontados por outros pesquisadores engajados na tarefa de compreender Jesus de Nazaré. Como sempre, considerando os limites dos leitores e estudantes brasileiros, é longa a lista de autores publicados no Brasil ao lado daqueles que ainda não foram traduzidos. Esta foi sempre a preocupação do professor Eduardo, pois sabe a miscelânea dos que o leem.

A busca de Jesus de Nazaré não é feita apenas pelos que cuidam da letra. Eduardo dedica-se a entender o que dizem os primeiros escritos sobre Jesus de Nazaré, cartas de Paulo e o Evangelho de Marcos, procura captar a memória, os gestos. E aqui vem mais um desdobramento do encontro das artes e dos apaixonados por Jesus. Em 1964, enquanto Eduardo Hoornaert assumia a direção do Seminário Menor da Imaculada Conceição da Várzea, ali eu o conheci, na Itália o cineasta Paolo



Passoline expõe no cinema o seu entendimento de como era o Jesus apontado no Evangelho de São Mateus. O filme chegou ao Brasil alguns depois, mas foi um terremoto em muitas cabeças, pois, afinal era a leitura de um comunista sobre o crucificado. Passoline não convidou nenhum ator famoso nem pessoas bonitas para compor a multidão que seguia Jesus de Nazaré; queria mostrar que Jesus vivia em uma região periférica do Império, quer mostrar que sua morte nos comove mais por sua memória do que pelo acontecimento em si: a morte de um judeu na periferia do Império. Eduardo nos leva a considerar essa periferia, não apenas aquela de Jerusalém, mas a vivida pelos primeiros seguidores de Jesus, especialmente aqueles que podiam fazer perder aspectos da humanidade de Jesus, tornando-o apenas mais um entre os muitos candidatos a endeusamento. A importância desses primeiros escritos dos seguidores de Jesus de Nazaré é enorme, são eles que guardaram a humanidade e a sacralidade da vida com seus embates e simplicidade dos confrontos diários, das decisões diárias entre o moral e o ético. Em determinado momento, Eduardo chega a dizer que não são os mártires, os heróis posteriormente santificados, que mantiveram os ensinamentos de Jesus, mas aqueles que o seguiram no cotidiano de suas vidas, realizando as tarefas banais que garantem a vida. O martírio, quando ocorre, é apenas resultante dessa escolha de viver fora do mundo, “da cidade dos honrados e respeitados”[148].

Todo escrito é biográfico. O livro de história conta a história que o autor descobre nos documentos, e então ele tece e faz, desde o fio, até o tecido formado, numa trama compreensível para o leitor. Assim escreve Eduardo na página 140 assim está escrito: Escrever uma narrativa é tecer um texto, ou seja, consiste em entrelaçar objetividades e subjetividades, pois



literatura narrativa nunca é puramente objetiva, nela sempre entra a subjetividade do narrador. É isto que ele nos oferta na forma do livro. Mas o livro é uma pequena biografia do autor, pois a sua história está na história que ele urdiu. Feliz por fazer parte dessas duas histórias e de eles, Jesus de Nazaré e Eduardo fazerem parte da minha. E ainda mais, estar caminhando para conhecer a história e a Jesus de Nazaré lendo as indicações de Eduardo Hoonart, que me alertou de como melhor conhecer o Brasil e a mim mesmo.

